

APRESENTAÇÃO

“No princípio era o Logos, e o Logos estava com Deus, e o Logos era Deus”, e assim se fez a primeira filosofia, a utilização dos mitos para a explicação do mundo, bem como os mistérios da vida de todas as coisas. Os gregos, mesmo não tendo a Bíblia, tinham os mitos para explicar as coisas, e, ainda assim, apelaram para a razão na tentativa de encontrar uma *arché*, um princípio fundamental, racional para todas as coisas; portanto, passaram a ter o saber como resposta para suas indagações e questionamentos, ficando à mercê da razão responsável para compreender todas as coisas.

Se por um lado, a religião tem como referência a revelação; a filosofia, por outro, consiste propriamente na busca do filosofar (busca do saber) ou conforme Platão e Aristóteles, de maravilhar-se com as coisas. “A maravilha é consciência da própria ignorância e desejo de a ela se subtrair, ou seja, de aprender, de conhecer, de saber” (BERTI, 2010, p. 7). Maravilhar-se sucede em submeter algo sobre os cuidados dos sentidos e da razão, não satisfazendo com respostas prontas, verdades ditas ou revelações, nasce-se então a filosofia pela maravilha. Entretanto, não se pode confundir “maravilha” com uma postura estética, enquanto beleza, repetição ou imitação, mas de sensibilidade, razão e desconstrução.

Assim, os artigos que compõem essa revista são a busca da utilização do olhar dos gregos sobre os diversos temas na área de Filosofia para maravilhar-se. Até o momento, esse é o único número da revista que segue também artigos de mestres e doutores, mas isso, devido à pouca demanda de textos de graduandos. O número também conta com diversos estudiosos, além de filósofos, mestre em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental, mestre em Educação, bacharel em Ciências Jurídicas, todos dialogando com a Filosofia. E a Filosofia com todos, problematizando, desconstruindo ou descriticizando a verdade, a ciência, a linguagem, os direitos humanos, os afetos, o próprio mundo como representação, além de outras abordagens com Nietzsche, Parmênides e Heidegger e Bachelard.

Verdades para uma mesma coisa? A Ciência nasce quando morre a Filosofia? É somente através da linguagem que sucede a condição para a compreensão do outro e, conseqüentemente, a constituição da própria existência, enquanto sujeito coautor no mundo? O controle dos afetos consiste na própria natureza do homem? Concede-se o mundo somente pela sua representação? A vontade e os bons afetos são pré-requisitos para o encontro dessas respostas? Maravilhar-se, pois, é fazer/buscar essas perguntas, o porquê das coisas. Que esses textos proporcionem diversas maravilhas para nutrir suas próprias composições, isto é, filosofar.

O primeiro artigo deste número intitulado de **Mito, Verdade e um Conceito de**

Ciência, da autoria de **José Antônio Zago**, provoca uma discussão acerca da passagem do mito à filosofia e desta à ciência. Adicionalmente, em meio ao texto, o autor apresenta os conceitos de verdade. Partindo principalmente das ideias de Karl Popper, **Zago** apresenta o conceito de ciência e expõe que o ato de fazer ciência requer que os pesquisadores e cientistas tenham uma atitude de ousadia quando propõem ou quando refutam teorias, por exemplo, que possivelmente serão testadas mais adiante. Assim, o autor expõe que não deve haver certeza em ciência, porque a certeza é uma crença e esta pode alimentar vários mitos.

O segundo artigo traz o texto de **David Velanes de Araújo**, com o título **A Crítica de Gaston Bachelard Acerca do Conceito de Númeno**. Como o próprio título sugere, o artigo apresenta o que Bachelard critica sobre a definição kantiana de *númeno* e o novo momento histórico pelo qual passa as ciências. Segundo o autor, no século XX, as ciências passam por uma revolução que exige que certos fundamentos da Idade Moderna sejam repensados, porque essa revolução exige novas formas de racionalidade. Com a microfísica, por exemplo, o *númeno* não é mais incognoscível, mas passa ele a ser o próprio objeto matemático. Portanto, há uma nova releitura dos problemas em que diversas teorias podem dar conta da análise e solução de velhos problemas; entretanto, alguns conceitos podem ser modificados e readaptados a cada época.

Em seguida, o artigo **O Sentido de Alétheia: Parmênides e Heidegger**, escrito por **Cidiane Lobato**, levanta uma importante questão sobre a *alétheia* para Parmênides e Heidegger. Segundo **Lobato**, é possível estabelecer uma relação entre os sentidos na medida em que se considera a “via da *alétheia*”, do primeiro autor, e com a “clareira”, do segundo. Enquanto para o Pré-socrático o termo grego pode ser traduzido por verdade enquanto adequação entre pensamento e ser, uma vez que ele define que a essência do ser está estabelecida na dinâmica do ser e do pensar, para o filósofo alemão, a verdade não se dá por uma apreensão conceitual ou por uma definição conceitual, mas por um des-velamento da própria verdade enquanto é buscada e evocada pelo leitor.

O quarto artigo desse número, **Linguagem e Coautoria de Mundo – Algumas Possibilidades Existenciais**, de **Wellington Amâncio da Silva**, apresenta uma discussão em torno do fato de a linguagem ser um instrumento de coautoria existencial e, assim, de mundo. Partindo de alguns conceitos heideggerianos, como sentido, significado, intersubjetividade, etc., o autor procura traçar algumas questões acerca da coautoria, ao mesmo tempo em que traz também que os fenômenos, tais quais alcance, encontro, partilha, entre outros podem clarificar o existir com o outro se se partir do diálogo entre a abstração e a concretude. Assim, **Silva** argumenta que a coautoria não pode partir de uma hermenêutica ou de uma exegese, mas *da co-construção dos sentidos de mundo e, ainda, das possibilidades existenciais na linguagem compartilhada*, que o autor define como *estar com o outro*. Tomando como base *Ser e Tempo*,

este artigo procura delinear a questão do ser e suas possibilidades e condições por meio da linguagem.

Seguindo com o número da Revista *Filosofando*, vem o artigo de **Leliana Vieira Silva** e **José Marcos Menezes Santos** intitulado de **Visão de Mundo Como Vontade e Como Representação Segundo Arthur Schopenhauer**, no qual os autores mostram algumas considerações sobre a filosofia de Schopenhauer, focando especificamente na sua principal obra *O Mundo Como Vontade e Como Representação*. **Silva** e **Santos** mostram que na citada obra há uma herança kantiana no que concerne à distinção entre fenômeno e coisa em si e, a partir de tal distinção, desdobram os conceitos de Vontade, em sua dimensão cosmológica e antropológica, e de Representação e a forma como esse mundo aparece para o sujeito cognoscente. Assim, os autores afirmam que tudo está relacionado com o sujeito cognoscente, pois é no interior desse sujeito que *a Vontade se manifesta* e, assim, acaba se exteriorizando no mundo, resultando na Representação.

O sexto artigo desse número tem como título **O Controle dos Afetos por uma Ação Ética na Filosofia de Spinoza** e é de autoria de **Érica Lopes de Oliveira**. Neste artigo, a autora pretende originar algumas discussões sobre a afetividade e as ações humanas a partir de Spinoza. Tomando como base os dois princípios de Spinoza de pensamento e extensão, **Oliveira** escreve que esses atributos formam uma unidade na medida em que um deles depende do outro, isto é, quando a mente morre, por exemplo, o corpo também morrerá. Assim, com base em Spinoza, a autora defende que os afetos se produzem a partir das afecções, isto é, um corpo se modifica quando é atingido por outro e, nesse sentido, os afetos que são uma variação da potência do agir. Ainda segundo **Oliveira**, enquanto alguns afetos podem beneficiar o homem, outros podem prejudicá-lo, por exemplo, quando o homem se deixa levar por objetos exteriores. Considerando o campo da ética, a reflexão que este artigo proporciona é justamente a harmonização dos afetos que faz com que uma ação seja ética.

O próximo artigo da revista **O Eterno Retorno de Nietzsche: as Múltiplas Análises de um Conceito**, de **Moreno Baêta Neves Barbé**, discute o conceito do *eterno retorno* de Nietzsche, que apesar de ser um dos seus elementos mais fundamentais, é um conceito inconcluso, não por falta de interpretações, mas pelas possibilidades de abertura dessas mesmas interpretações desse conceito, que podem ser tomadas tanto da perspectiva ética quanto metafísica. Logo, o objetivo do artigo de **Barbé** é o de mostrar essas diversas interpretações e analisar suas distinções e singularidades. Para isso, o autor faz um percurso histórico do conceito do *eterno retorno*, em seguida, apresenta as principais explanações filosóficas e no final traz as discussões de Gilles Deleuze sobre esse conceito.

O último artigo deste número é de autoria de **Rodrigo Toaldo Cappellari** e **Inácio Cappellari** e tem como título **Fundamentação dos Direitos Humanos: a Consciência de**

Valores e a Efetivação de Implantação de Direitos Humanos. A importância da discussão exposta pelos autores se resume na reflexão apresentada para a fundamentação dos direitos humanos, enfatizando a dicotomia de direito positivo e direito natural. Além disso, **Cappellari et al.** trazem ainda a questão da prática ao ver os direitos humanos como impostos pelo Estado de forma forçada. Do mesmo modo, os autores defendem que os direitos humanos devem ser pautados no esclarecimento com a filosofia e com a ética e que devem até ser construídos de maneira lenta e progressiva para que se tornem alicerçados na mentalidade dos indivíduos.

Segue também pela primeira vez na **Revista Filosofando**, uma resenha de filme com uma problemática filosófica voltada para a tecnologia: **Gattaca – A Experiência Genética** (1998), sendo um dos filmes que a NASA elegeu como mais próximo da realidade, o texto foi escrito por **Fabício Lacerda Santana** e **Jaquissom Aguiar Guimarães** e trata das implicações da evolução das ciências e da tecnologia sobre a vida do indivíduo, ou melhor, sobre a sua biotecnologia enquanto referência para o seu currículo, ou ainda conforme os próprios autores, *o que é a engenharia genética senão uma cirurgia estética preventiva?*”

Portanto, finda-se aqui o texto de apresentação, mas cabe ao leitor e aos artigos que compõem este número concluir. Este número contém diversos artigos que cobrem diversas áreas da filosofia ou de outras áreas dialogando com a filosofia. Nisso consiste o maravilhar-se, porque cada artigo trazido aqui é uma tentativa de responder ou clarificar alguma indagação presa no âmago. Possibilitando leituras e releituras e diversas interpretações, o corpo editorial convida o leitor a ler e a fazer parte desse número.

JACUISSOM AGUIAR GUIMARÃES
JOÃO HENRIQUE SILVA-PINTO

REFERÊNCIAS

BERTI, E. *No princípio era a maravilha*. São Paulo: Edições Loyola, 2010.